



A organização de espaços de brincadeiras no maternal II: uma experiência com caixas temáticas

The organization of play spaces in maternal II: an experience with thematic boxes

La organización de espacios de juego en maternal II: una experiencia con cajas temáticas

Circe Mara Marques¹



<https://orcid.org/0000-0002-2137-4760>

Luciane Catarina Carneiro²



<https://orcid.org/0000-0002-0066-9703>

Resumo: Este estudo trata da organização de espaços de brincadeiras na educação infantil. Objetivou criar espaços itinerantes de interações e de brincadeiras para/com as crianças de 3 anos de idade. A pesquisa do tipo pesquisa-ação foi realizada em uma escola pública de educação infantil, no oeste catarinense. Envolveu a participação de 15 crianças de 3 anos na construção de seis caixas temáticas. O tema das caixas foi escolhido com as crianças participantes: Caixa da Casinha, Caixa do Salão de Beleza, Caixa de Ferramentas, Caixa do Berçário, Caixa do Parque e Caixa Surpresa. A produção dos dados deu-se a partir da realização de rodas de conversa para planejamento das caixas e, também, durante a organização e exploração dos espaços de brincadeiras pelas crianças. O estudo mostrou que as Caixas Temáticas são modos de organização de espaços que potencializam a participação, as interações e as brincadeiras, promovendo aprendizagens interdisciplinares na escola de educação infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil. Espaços. Brincar.

Abstract: This study deals with the organization of play spaces in early childhood education. It aimed to create itinerant spaces for interactions and games for / with three-year-old children. The research-action type of research was carried out in a public school of early childhood education, in western Santa Catarina. It involved the participation of fifteen 3-year-olds in the construction of six thematic boxes. The theme of the boxes was chosen with the participating children: Box House, Beauty Salon Box, Tool Box, Nursery Box, Park Box and Surprise Box. The production of the data took place from the creation of wheels for planning the boxes and also during the organization and exploration of the play spaces by the children. The study showed that the Thematic

¹ Doutora em Educação. Professora no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Comunitária da Região de Chapecó-SC. E-mail: circemaramarques@gmail.com

² Mestra em Educação. Professora na Secretaria Municipal de educação de Caçador-SC. E-mail: lucarneirovini@gmail.com

Boxes are strategies for organizing spaces that enhance participation, interactions and games, promoting interdisciplinary learning in the early childhood school.

Keywords: Child education. Room. Play.

Resumen: Este estudio trata sobre la organización de los espacios de juego en la educación infantil. Su objetivo era crear espacios itinerantes de interacción y juego para / con niños de 3 años. El tipo de investigación investigación-acción se llevó a cabo en una escuela pública de educación infantil, en el occidente de Santa Catarina. Se contó con la participación de 15 niños de 3 años en la construcción de seis cajas temáticas. La temática de las cajas se eligió con los niños participantes: Box House, Caja de salón de belleza, Caja de herramientas, Caja de guardería, Caja de parque y Caja sorpresa. La producción de los datos tuvo lugar a partir de la realización de círculos de conversación para la planificación de las cajas y, también, durante la organización y exploración de los espacios de juego por parte de los niños. El estudio mostró que los recuadros temáticos son formas de organizar espacios que potencian la participación, las interacciones y los juegos, promoviendo el aprendizaje interdisciplinario en la escuela de primera infancia.

Palabras-clave: Educación infantil. Espacios. Jugar.

Introdução

A ausência de estrutura física adequada, a precariedade de brinquedos e de materiais pedagógicos é realidade em muitas escolas públicas de educação infantil. Nesse cenário empobrecido, as práticas pedagógicas se remetem a uma escolarização precoce das crianças, negligenciando o direito de brincar, interagir e participar.

Este estudo debruçou-se sobre a organização de espaços para brincadeiras e aprendizagens e as possibilidades de participação das crianças nesse processo. Horn (2004) afirma que é indispensável o olhar atento para os elementos, móveis e materiais disponíveis nos espaços, tendo na sua organização, e na maneira que as crianças e adultos interagem neles, a clara evidência da concepção pedagógica do âmbito escolar.

Marques (2007) e Horn (2017) propõem a organização de Caixas Temáticas como uma possibilidade para reinventar os espaços com a participação das crianças e da comunidade. As caixas temáticas, ou caixas de brincadeiras, consistem em caixas de papelão, que armazenam materiais que convidam as crianças a montar espaços de brincadeiras com temáticas variadas. Por exemplo, canto da casinha, do salão de beleza, da clínica médica etc. Segundo Marques (2007, p. 32), “[...] esses materiais podem se constituir em uma alternativa que viabiliza a invenção de espaços e materiais atraentes para as crianças”.

Tratou-se de uma pesquisa-ação, com a participação de crianças do Maternal II, com 3 anos de idade, que frequentam uma escola pública de educação infantil, localizada no oeste catarinense. Teve como objetivo a criação de espaços de interações e brincadeiras com a participação das crianças e suas famílias. Ao longo da pesquisa foram organizadas seis caixas temáticas, contando com a atuação direta dessas crianças.

Espaços, interações e brincadeiras na educação infantil

Segundo Marques, Fernandes e Silva (2019, p.2) “Brincar é um tema imprescindível quando o assunto é a Educação Infantil. Isto se deve, sem dúvida, ao reconhecimento da importância dessa linguagem na vida das crianças e ao papel que lhe vem sendo atribuído no contexto educacional [...]”. A Resolução n.º 5, de 17 de dezembro de 2009, que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) destaca as interações e as brincadeiras como eixos norteadores das propostas pedagógicas das escolas de educação infantil (BRASIL, 2009). Em concordância com esse documento, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) elege o brincar como um dos seis direitos de aprendizagem na Etapa da Educação Infantil (BRASIL, 2018).

Horn (2004) mostra que as interações e as aprendizagens infantis estão inteiramente relacionadas à organização dos espaços, pois se concretizam no contexto em que o indivíduo está inserido. Esse fator deve ser analisado com cuidado, considerando que “[...] os espaços destinados a crianças pequenas deverão ser desafiadores e acolhedores, pois, conseqüentemente, proporcionarão interações entre elas e delas com os adultos.” (HORN, 2004, p. 16).

Também, Oliveira (2011) pontua que o ambiente físico e a sua organização necessitam de uma atenção especial na Educação Infantil, sendo um dos elementos que mais requer planejamento.

Barbosa (2006) considera que o espaço nunca é neutro. Ele pode contemplar interesses contraditórios, ou seja, ser lugar promotor de experiências e múltiplas linguagens para as crianças, assim como pode funcionar como “[...] lugar de vigilância ou de controle delas, como quando é pensado para disciplinar os corpos e as mentes” (BARBOSA, 2006, p. 120).

Igualmente Horn (2004) afirma que a organização dos espaços não se apresenta com características de neutralidade, mas sim como algo socialmente construído, tendo nela refletidas as normas sociais e culturais dos envolvidos.

A autora mostra que a organização do espaço físico em cantos semiabertos possibilita ao professor uma observação melhor das ações das crianças, sem ser o centro das práticas pedagógicas (HORN, 2004). Porém, de acordo com a autora, essa forma de organização nem sempre garantirá a descentralização do professor e nem mesmo que contribuirá para a construção da autonomia, isso somente será possível de acordo com a prática do professor e sua intencionalidade (HORN, 2004). Ainda, elenca que a organização dos espaços com essa característica vem a permitir que a criança observe todos os ambientes, tendo um campo de visão de todo o espaço à sua volta, tendo sempre à sua vista a figura do professor como referência. Isso permitirá que se sinta segura, mas sem,

obrigatoriamente, necessitar da intervenção do professor em sua ação a todo o momento (HORN, 2004).

Segundo Horn (2004), a organização de diversos ambientes em espaços internos para cuidados físicos e educação dos sentidos, nas instituições de educação infantil, foi metodologia desenvolvida pela médica Maria Montessori (1948) para trabalhar com crianças de 3 a 6 anos no final do século XIX e início do século XX. Essa proposta evidenciava preocupação com a organização de um ambiente descentralizador da figura do adulto, possibilitando manifestações livres da criança.

Com objetivo de provocar estímulos, acolhimento, de instigar o interesse e a curiosidade nas crianças, por meio dos eixos do brincar e do interagir, a organização dos espaços vem sendo considerada de fundamental importância nas propostas pedagógicas. Assim, essa organização em diversos ambientes tem como finalidade criar experiências diversificadas de interações e de aprendizagem. Essa forma de organização espacial está relacionada também com a experiência italiana de Reggio Emília, idealizada pelo professor italiano Loris Malaguzzi.

Nesse sentido, os ambientes, na abordagem reggiana, devem ser mutáveis para serem promotores da dinâmica da relação, na qual as coisas acontecem e as formas que elas adquirem de acordo com a intenção educativa. Dessa maneira, os lugares não são entendidos apenas como a soma dos espaços e ambientes, mas sim de paisagens e de sugestões que favorecem as relações das crianças entre si e os materiais.

Caixas temáticas e a organização dos espaços

Dentro da estrutura da maioria das instituições de Educação Infantil, o espaço físico representa um grande obstáculo aos educadores. Esse obstáculo está relacionado ao tamanho pequeno das salas, inviabilizando a organização em cantos temáticos.

Dentro dessa perspectiva, Marques (2007) e Horn (2004, 2017) apresentam as Caixas Temáticas como uma alternativa que possibilita a organização de espaços temáticos, mesmo em locais onde o espaço físico é reduzido. Segundo Horn,

Um dos principais problemas enfrentados pelos educadores é o fato da sala de referência não poder abrigar todas as possibilidades interessantes para interações que contemplem as diferentes linguagens. A alternativa de trabalho com caixas temáticas pode amenizar este problema (HORN, 2017, p. 75).

Marques (2007) traz a experiência com Caixas Temáticas como resultado da inquietação e não conformidade frente ao relato das estudantes de Pedagogia que, ao realizarem Estágio Curricular na Educação Infantil, deparavam-se com espaços muito pequenos para organização de “cantos temáticos”. Assim, “[...] a construção de caixas temáticas surgiu como alternativa que viabiliza a invenção de

espaços em salas pequenas e em instituições que dispõem de poucos recursos financeiros” (MARQUES, 2007, p. 32).

Marques (2007) afirma que essa ideia foi aplicada pelas alunas de graduação em Pedagogia e de especialização em Educação Infantil e que a experiência mostrou que o processo de construção das caixas com as crianças já se constituía em momentos de interação, invenção e brincadeira.

A autora destaca que a organização desse material pedagógico pode envolver a participação das crianças, das famílias e da comunidade escolar, podendo abordar temáticas variadas e suscitar diferentes espaços de brincadeiras, tais como: “[...] caixa escritório; caixa salão de beleza; caixa ateliê; caixa de contos; caixa supermercado; caixa consultório médico; etc.” (MARQUES, 2007, p. 33).

As caixas temáticas são “Pensadas para ser não só um invólucro de materiais, elas podem se constituir no próprio canto temático” (BRASIL, 2013, p. 45) e o fundamental, é que elas “[...] possibilitem o desenvolvimento das mais diferentes linguagens e que possam ser deslocadas ou guardadas em pequenos espaços” (BRASIL, 2013, p. 45). Para essas construções, podem ser utilizadas caixas de papelão e por meio delas podem ser construídos diferentes espaços correspondentes ao cotidiano de uma cidade, por exemplo, contendo “[...] posto de gasolina, escola, ruas e calçadas, casas, posto de saúde, supermercado, com miniaturas de bonecos, carros e móveis” (BRASIL, 2013, p. 46).

A prática utilizada na elaboração das Caixas Temáticas está associada ao método Montessoriano³, com a elaboração das Bandejas de Montessori, que permitem ser criadas e organizadas propostas pedagógicas itinerantes.

Outro ponto positivo na elaboração das Caixas Temáticas, citado pelas autoras, refere-se à praticidade e autonomia que oferecem às crianças:

Qualquer uma delas pode ser transportada de uma sala para outra e até para o pátio, dando liberdade e promovendo autonomia das crianças para construir seus “cantos” em diferentes espaços físicos, dentro ou fora da sala de aula. Ou seja, é possível montar um hospital, um salão de beleza, uma casinha ou um escritório atrás da porta da sala, no corredor ou embaixo de uma árvore no pátio. Depois de usadas, as caixas podem ser recolhidas e empilhadas (MARQUES, 2007, p. 33).

³ No método Montessori, a criança é o centro do universo (educacional). Os professores não ensinam as aulas como tal, mas são guias que acompanham o aluno em sua própria “carreira educacional”. Os guias preparam propostas educacionais e as colocam em bandejas ou cestas dentro da sala de aula. Cada criança é livre para levar a bandeja que quiser a um canto desejado e brincar/trabalhar com a proposta. Uma proposta para crianças de 1-3 anos pode ser, por exemplo, colocar e tirar bolinhas de uma garrafa (aprender a contar, habilidades motoras finas etc.). Em outra bandeja, haverá cartões de identificação de transporte para se juntar às suas respectivas figuras. As salas de aula Montessori são a típica imagem minimalista, limpa e arrumada. Montessori é um método orientado para dar respostas mais científicas ou matemáticas, já que todas as apresentações que são feitas são baseadas em fatos da realidade e da natureza. Serão encontrados livros na sala de aula Montessori, mas não são histórias fantásticas, mas livros sobre conhecimento (pássaros, florestas, animais etc.).

Trajeto metodológico da pesquisa

A pesquisa foi de abordagem qualitativa, do tipo pesquisa-ação, envolvendo a participação de crianças. Soares (2006) destaca que as necessidades, os desejos, a voz e as ações das crianças estiveram invisíveis frente às investigações realizadas sobre elas, de forma que tal participação ainda é bastante recente nos estudos elaborados no Brasil. Desse modo, foi preciso “[...] encarar e respeitar as crianças como pessoas e abandonar as concepções conservadoras e ancestrais de exercício do poder e tutela do adulto sobre a criança, para que lhe seja restituída a voz e a visibilidade enquanto atores sociais” (SOARES, 2006, p. 32).

Foram cumpridas todas as exigências éticas para realização de pesquisas envolvendo seres humanos. A participação das crianças foi autorizada pelas famílias e as próprias crianças foram informadas sobre a pesquisa e consultadas sobre suas vontades de participar ou não. Pelo fato de uma das pesquisadoras atuar como professora no contexto pesquisado possibilitou que o acesso à escola, às crianças e às famílias transcorresse de forma natural. A pesquisa envolveu a participação de 15 crianças, com 3 anos, sendo oito meninos e sete meninas, e de duas professoras que atuam nessa turma de Maternal II de uma escola pública de educação infantil.

As experiências de planejamento e de organização das caixas temáticas realizaram-se com todo o grupo de crianças, dentro ou fora da sala, de acordo com a necessidade e a disponibilidade dos espaços da instituição. Durante os procedimentos, a pesquisadora filmou e ou fotografou algumas situações para que, posteriormente, fosse possível rever as cenas e melhor analisar as experiências vividas pelas crianças, coletivamente e ou individualmente.

A produção da materialidade empírica da pesquisa com as crianças abarcou três etapas: planejamento, organização e exploração das Caixas Temáticas. A primeira etapa envolveu os seguintes passos:

- a) apresentação da pesquisa às crianças – o primeiro passo foi a realização de uma roda de conversa com as crianças, relatando para elas sobre a intenção de pesquisa e como se daria a participação delas, caso aceitassem participar da construção das caixas de brincadeiras. Os temas de cada uma das caixas, bem como os materiais que nelas seriam colocados, seriam sugeridos e decididos com as crianças durante as rodas de conversa;
- b) roda de conversa com os pais/responsáveis – na sequência, foi realizada uma roda de conversa com as famílias para apresentar a proposta de pesquisa, seus objetivos, metodologia, bem como o modo

como poderiam participar. Nesse momento, foi coletada a assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE);

c) passeio coletivo – considerando o consentimento das famílias e o aceite das crianças, o próximo passo foi realizar um passeio coletivo por todos os espaços da escola para que elas expressassem suas opiniões sobre cada um deles e relatassem o modo como costumam brincar em cada local;

d) conversa coletiva com as crianças – para escolha das temáticas das caixas e sobre o modo como seriam construídas;

e) planejamento, confecção e brincadeiras com as caixas;

d) avaliação com as crianças sobre suas experiências com as caixas de brincadeiras.

Planejamento e organização das caixas com as crianças

Para conhecer as preferências das crianças relativas aos espaços da escola e seus modos de brincar em cada um deles, realizou-se um passeio exploratório em cada um destes espaços: sala de aula, solário, pátio interno, pátio externo, brinquedoteca/biblioteca e pátio com grama. Durante as visitas, elas revelavam aquilo que era significativo para elas em cada ambiente.

Na sala de aula, elas anunciavam que: “– A gente brinca de casinha. Tem bonecas e dá para fazer comidinhas” (Thália); “– Eu gosto de pegar os carrinhos pra fazer garagem com as pecinhas de madeira” (Pedro Henrique); “– Tem livrinho de história pra lê, lá no tapete” (Sofia).

No solário, as crianças escolheram os brinquedos e objetos que gostariam de levar e comentavam: “– É bem legal aqui fora!” (Lorenzo); “– Gosto de correr bem rapidão! Assim, óh!” (João Pedro); “– Eu gosto das motoca pra andar bem ligeirão” (Pedro); “– Eu vou subir nessa parede e pular, assim!” (Everton); “– Aqui eu gosto de ser o cozinheiro!” (Lorenzo).

No parque interno, as crianças se divertiram na cama elástica, piscina de bolinhas e na casinha: “– Eu pulo mais alto que tudo” (Maria Eduarda); “– Eu gosto da casinha (Isadora); “– Eu dou mergulho nas bolinha” (Gabriel); “– Eu faço comidinha pros bebês!” (Lorenzo).

Já o parque externo oferece escorregador, casinha, gangorra, triciclos, pneus, tábuas, cordas e bambolês. As crianças correram bastante no local, perseguindo umas às outras: “– Uió, uió, uió!... sou a polícia de moto!” (Gabriel).

Durante a visita à brinquedoteca, elas optaram em brincar com os carrinhos, as bonecas e as pecinhas de montar: “– Vou montar um robô bem grandão!” (João Pedro); “– Vô montar as garagem pra brincar com os carrinho!” (Pedro Henrique); “– Eu vou fazer a caminha da minha filhinha!” (Thália); “– Eu dou comidinha” (Lorenzo); “– Fiz um cortador de grama! Óooiimm! (Samuel).

No parque de grama, tudo parece ficar ainda mais animado, pois há muitos brinquedos fixos no local, entre eles a balança, a ponte móvel, obstáculos de pneus, a pirâmide de pneus e a trave de

pneus. Algumas crianças também levam brinquedos da sala, mas isso fica a critério delas: “– A profe deixa trazer brinquedo aqui, mas eu não gosto porque precisa ficar cuidando e, às vezes, eu esqueço” (Wesley).

A exploração dos espaços da escola foi etapa do estudo que mostrou o quanto as crianças estão familiarizadas com os diferentes espaços, sabem as possibilidades de brincadeiras e os limites que cada um oferece. Contudo, elas estão sujeitas aos horários para uso de cada um desses locais, conforme rotina estabelecida pelos adultos. Viu-se que os diferentes espaços suscitam diferentes tipos de interações e brincadeiras no grupo, desde as mais calmas e concentradas, até as mais movimentadas e barulhentas. E é justamente essa variedade de possibilidades que enriquece as experiências tanto coletivas como individualizadas.

Também foi observado que as crianças estão autorizadas a escolher e levar os brinquedos da sala para outros espaços da escola, contanto que se responsabilizem por eles. Essa prática mostra que, desde bem pequenas, as crianças são convidadas a fazer escolhas, tomar decisões e se responsabilizar pelas escolhas feitas. Nesse sentido, viu-se que as crianças costumam levar brinquedos da sala quando se dirigem, por exemplo, para o pátio interno ou, até mesmo, para a brinquedoteca.

Dessa maneira, pode-se analisar, de acordo com Barbosa (2006), que, independentemente de como sejam, os espaços não são neutros, pois podem desafiar aqueles neles inseridos, desenvolvendo as múltiplas linguagens e habilidades por meio de sua organização e as sensações que podem transmitir a seus ocupantes.

Com intenção de garantir o direito de participação das crianças na pesquisa, após o passeio pela escola, elas foram convidadas a uma roda de conversa na qual relataram sobre suas brincadeiras preferidas e, na sequência, representaram essa preferência por meio de desenhos.

De acordo com os desenhos e a descrição feita pelas crianças, elaborou-se o quadro a seguir, buscando identificar as singularidades do grupo que pudessem inspirar o planejamento das Caixas Temáticas:

Quadro I – Brincadeiras preferidas pelas crianças

Nome das crianças	Brincadeiras de que gostaram (desenho)
Arieli	“– Eu desenhei a bonequinha, a comidinha pra ela comer e a casinha dela.”
Carlos	“– Eu adoro andar de motoca, brincar com os carrinhos e ir ao parquinho.”
Everton	“– Eu gosto dos carrinhos pra andar bem ligeirão e das moto também!”
Gabriel	“– Eu desenhei de brincá de pai e com a moto e o carro.”
Gabriela	“ – Eu desenhei a casinha com a boneca pra cozinhar e dar comidinha pra boneca.”

Isadora	“– Eu gosto do jacaré, da boneca e do parquinho, grama pra correr.”
João Pedro	“– Eu fiz um carrinho e a bicicleta pra correr no parquinho.”
Lorenzo	“– Desenhei eu nadando e brincando de carrinho.”
Maria Eduarda	“– Eu goto de andar de bicicletinha e bincar de bebê.”
Pedro Henrique	“– Eu desenhei uma moto e os carrinho, eu adoro andá com as motinhos.”
Raíssa	“– Eu adoro andar com a bicicleta rosa, com as bonecas e no parquinho.”
Samuel	“– Eu a bicicleta e a motinho pra brincá com as boneca na casinha.”
Sofia	“– Eu gosto de brincá com as bonecas e pintar os cabelos. Desenhei os livrinhos e brincá no parquinho.”
Thália	“– Eu desenhei uma boneca pra brincar de casinha, uma bruxa e uma princesinha pra brincar e gosto de passar batom.”
Wesley	“– Eu fiz um trator e um carrinho pra brincar na casinha.”

Fonte: As autoras, 2020.

A perspectiva da Sociologia da Infância instiga a superação da ideia de criança passiva, de modo que elas passam de espectadoras a protagonistas de seus processos de ensino-aprendizagem. Ao encontro dessa ideia, as DCNEI destacam a criança como um ser socialmente e culturalmente ativo, sendo construtora de seu conhecimento (BRASIL, 2009). Também, Barbosa (2007) afirma que elas possuem suas próprias teorias, interpretações e questionamentos, tendo o direito de serem ouvidas.

O direito das crianças em serem ouvidas e de participarem dos processos que lhes dizem respeito está previsto, desde 1989, na Convenção dos Direitos das Crianças da ONU, assim como no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), de 1990, sendo cada vez mais reforçado pelas atuais Diretrizes norteadoras da Educação. Dessa forma, com o intuito de preservar esse direito das crianças, a definição das Caixas de Brincadeiras elaboradas, deu-se em conformidade com as escolhas delas.

Então, após a roda de conversa e a representação por meio dos desenhos, combinou-se de montar seis caixas de brincadeiras alusivas às preferências delas. Conversando com as crianças, escolheram-se os nomes para as caixas e listaram-se os materiais que cada uma deveria conter. Os nomes definidos para as caixas foram estes: Caixa da Casinha, Caixa do Salão de Beleza, Caixa de Ferramentas, Caixa do Berçário, Caixa do Parque e Caixa Surpresa. Na sequência, a crianças coletivamente listaram os materiais que precisariam para compor cada uma das Caixas. A essa lista, também foram agregadas algumas sugestões da pesquisadora.

Quadro 2 – Relação de brinquedos e de objetos utilizados na elaboração das caixas

Caixas de Brincadeiras	Materiais indicados pelas crianças e pela pesquisadora
Caixa da Casinha	Sugestões das crianças: panelinha, pratinho, colherinha, garfinho, copos, esponja para lavar louça, pano de secar louça, fogão, frutinhas, comidinha de brincadeira, geladeira. Sugestões da pesquisadora: grampos de roupa, verduras, pia de lavar louça.
Caixa do Salão de Beleza	Sugestões das crianças: shampoo, pente, escova, batom, sombras, esmalte, secador, laços, fitas, espelho, perfume. Sugestões da pesquisadora: condicionador, tesoura, blush, pó, prancha de cabelo, dinheirinho.
Caixa de Ferramentas	Sugestões das crianças: carrinhos, caminhões, carretas, motinho, avião, martelo. Sugestões da pesquisadora: parafusadeira, furadeira, chaves, parafusos, alicates, paninho para as mãos.
Caixa do Berçário	Sugestões das crianças: bonecas, caminhas, mamadeiras, bolsa, fralda, roupinhas, chupeta, cobertinha. Sugestões da pesquisadora: colchõezinhos, travesseiros, remédios.
Caixa do Parque	Sugestões das crianças: bolas, corda, carrinho de empurrar, pneus, tábuas, motinhos (triciclos), Sugestões da pesquisadora: bambolê, pé de lata, bilboquê, cones, raquetes, trave de futebol, argolas.
Caixa Surpresa ⁴	Sugestões da pesquisadora: fantasias, máscaras, capas, chapéus, tecidos diversos, colares, tiaras, coroas, óculos, pulseiras etc.

Fonte: As autoras, 2020.

Nessa etapa, ainda se combinou como seriam identificadas cada uma das caixas. A partir disso, as crianças optaram em pintar com tinta guache. No decorrer das semanas seguintes, conforme as crianças traziam os brinquedos, as Caixas Temáticas iam sendo organizadas com elas.

As caixas temáticas e as múltiplas experiências vividas pelas crianças na escola

Em função da limitação do próprio espaço da sala de aula, as Caixas Temáticas foram colocadas no depósito da escola, onde ficam armazenados os brinquedos coletivos, usados por todas as turmas. A ideia era que esse material ficasse disponível a todas as crianças da escola. Essa decisão foi tomada em conjunto com a turma participante da pesquisa, considerando que o direito de brincar deve ser garantido a todas as crianças.

⁴ A Caixa Surpresa não foi discutida na pesquisa com as crianças por se tratar de uma surpresa, um acalanto, que se teve a intenção de lhes proporcionar.

Mesmo o material ficando fora da sala, a turma buscava as caixas e organizava espaços de brincadeiras em diferentes lugares da escola. Elas se organizavam buscando e tirando os brinquedos nos lugares onde iriam brincar. Como destacou-se anteriormente, as crianças da turma se deslocam com autonomia pelos espaços da escola, e a porta da sala do depósito, onde ficam os brinquedos, costuma ficar aberta, facilitando o acesso.

No decorrer da pesquisa, as Caixas Temáticas foram exploradas nos diferentes espaços escolares, contudo, o espaço da sala de aula foi o mais usado devido às restrições quanto aos horários para uso dos parques, do solário e da brinquedoteca/biblioteca, os quais são compartilhados com as demais turmas da escola.

Muitas vezes, também houve impasse entre as crianças na escolha dos espaços de brincadeiras que desejavam organizar. Assim, pegavam diversas caixas, levavam até os espaços em que desejavam brincar, selecionavam os brinquedos que precisavam e, com seus pares, inventavam outras temáticas e contextos. De acordo com Corsaro (2011), a criança pode ter certa independência em relação ao adulto, sendo capaz de, na ausência deste, escolher, tomar suas decisões e ser protagonista de sua história.

Independente do local, quer fosse o pátio, o parque, o solário ou a brinquedoteca, as crianças transportavam as caixas e organizavam seus “cantinhos”. Para isso, arrastavam mesas e cadeiras, delimitando e reconfigurando os espaços; estendiam panos, montando tendas; forravam o chão com colchonetes para torná-lo mais aconchegante. Ao interagirem com as caixas e a variedade de materiais que continham, as crianças se mostravam participativas, expressivas, críticas e argumentativas ao decidirem como gostariam que fossem organizadas suas brincadeiras e experiências.

Nesse sentido, Horn (2017) relata:

Essa nova imagem, advinda desse protagonismo infantil, destaca duas características que precisam ser consideradas nesse cenário a competência e a curiosidade das crianças. Essa imagem e esse entendimento se contrapõem à ideia de uma criança previsível, que liberava o educador de muitos problemas, entre eles, o de saber sempre o que propor e com que finalidade. Esse novo paradigma requer uma grande transformação no papel do adulto e nas ações desempenhadas junto às crianças (HORN, 2017, p. 27).

As brincadeiras possibilitaram observar que as crianças integravam as diferentes caixas temáticas no contexto das brincadeiras que criavam. Por exemplo, o carro saía da oficina (Caixa da Oficina Mecânica), buscava o bebê (Caixa do Berçário) e o levava ao restaurante (Caixa da Casinha, que também ficou como Restaurante).

Além disso, cabe destacar que a experiência com as Caixas Temáticas despertou a curiosidade e foi apreciada, também, pelas professoras e pelas crianças das outras turmas, que se divertiram muito com os brinquedos.

Quanto ao desafio de emprestar as caixas a outras turmas, em dados momentos, algumas crianças mostraram-se “enciumadas” ao verem colegas de outras salas usando os brinquedos tidos como delas, sendo necessário lembrar-lhes de que todas as crianças têm direito de brincar. A prática de compartilhar brinquedos e espaços deve ser incentivada e incorporada na rotina da escola.

Após as crianças terem a experiência na montagem das Caixas Temáticas e também desenvolvido suas brincadeiras, como registrado anteriormente, promoveu-se um diálogo para se avaliar a vivência. Perguntou-se o que haviam achado da experiência:

- “– Eu goto mais de brincar com os pés de lata” (Arieli). [Caixa do Parque]
- “– Eu gostei da capa e de ficar voando assim” (Carlos). [Caixa Surpresa]
- “– Eu gosto de brincar de oficina de carrinhos, de consertar!” (Gabriel). [Caixa de Ferramentas]
- “– Eu gosto de brincá cá casinha” (Isadora). [Caixa da Casinha]
- “– Eu gosto de arrumá as motinhos” (João Pedro). [Caixa de Ferramentas]
- “– Eu adoro fazê cumidinha pros bebê!” (Lorenzo). [Caixa da Casinha]
- “– Eu goto de bincá de casinha” (Maria Eduarda). [Caixa da Casinha]
- “– Eu gosto de arrumá as motinhos Prô, de brincá com a máscara do zorro e de brincá cos bebê” (Pedro Henrique). [Caixa de Ferramentas, Caixa Surpresa e Caixa do Berçário]
- “– Eu gosto da casinho e brincá cos bebês e dá cumidinha e bainho” (Raíssa). [Caixa da Casinha e Caixa do Berçário]
- “– Eu gosto de pagafusar os carrinho” (Samuel). [Caixa de Ferramentas]
- “– Eu adoro fazê maquiage, pintá o olho e passá batom” (Sofia). [Caixa do Salão de Beleza]
- “– Eu gosto muito de brincá cá casinha Prô!” (Thália). [Caixa da Casinha]
- “– Eu gosto dos carrinho Prô, arrumá e brincá” (Wesley). [Caixa de Ferramentas]

As falas das crianças evidenciam claramente suas preferências pelos espaços externos da escola. Quando terminaram de falar, propôs-se que construíssem um gráfico para saber a(s) caixa(s) preferida(s) por elas. Para a construção desse gráfico, foi disponibilizada uma cartolina com fotos das caixas, organizadas por elas, então, pediu-se para que colassem uma tampinha no local correspondente a sua caixa preferida. Ao se analisar o gráfico construído coletivamente pelas crianças, tornou-se possível tecer um comparativo entre o diálogo delas e o resultado mostrado no gráfico, representado no quadro seguinte:

Quadro 3 – Comparativo entre o diálogo das crianças e o resultado do gráfico

Nome	Diálogo	Gráfico
Arieli	Caixa do Parque	Caixa do Parque
Carlos	Caixa Surpresa	Caixa Surpresa
Gabriel	Caixa de Ferramentas	Caixa de Ferramentas
Isadora	Caixa da Casinha	Caixa da Casinha
João Pedro	Caixa de Ferramentas	Caixa de Ferramentas
Lorenzo	Caixa da Casinha	Caixa da Casinha
Maria Eduarda	Caixa da Casinha	Caixa da Casinha
Pedro Henrique	Caixa de Ferramentas, Caixa Surpresa e Caixa do Berçário	Caixa Surpresa

Raíssa	Caixa da Casinha e Caixa do Berçário	Caixa da Casinha
Samuel	Caixa de Ferramentas	Caixa de Ferramentas
Sofia	Caixa do Salão de Beleza	Caixa Salão de Beleza
Thália	Caixa da Casinha	Caixa da Casinha
Wesley	Caixa de Ferramentas	Caixa de Ferramentas

Fonte: As autoras, 2020.

Obs: As crianças Everton e Gabrieli não participaram do diálogo de avaliação sobre as Caixas Temáticas, assim como da construção do Gráfico. Desta forma, seus nomes não constam no Quadro 3.

Ao se proceder o levantamento das preferências expressas no diálogo e no gráfico, pode-se observar que as respostas das crianças são diversas, assim como elas também o são, mas se mostraram coerentes entre o discurso e a opção que fizeram durante a montagem do gráfico. Essa diversidade de preferências somada ao desejo de estarem/brincarem juntas as mobilizam a romper com a lógica da não partilha, porque elas concluem que para brincar juntas é primordial compartilhar os mesmos espaços e os mesmos brinquedos. Elas mostraram que, mesmo interagindo com materiais de Caixas diferentes (do Berçário, do Restaurante, da Oficina Mecânica), suas brincadeiras estavam integradas, a exemplo de quando buscavam os bebês na Caixa do Berçário para levá-los a passear de carro e ao restaurante. A possibilidade de fazer escolhas e a flexibilização dos espaços de brincadeiras permitem que as crianças protagonizem experiências lúdicas interdisciplinares.

Com relação ao protagonismo das crianças na organização dos espaços, Horn (2017, p. 27) relata que:

As mais novas abordagens acerca do fazer pedagógico na educação infantil têm trazido à tona a valorização do protagonismo das crianças, apostando em um novo currículo que, conseqüentemente, nos faz pensar em processo de aprendizagem, em valorização do ambiente como espaço de relação e em investimento de memória para tornar visível a aprendizagem das crianças.

Também, as DCNEI e a BNCC vêm buscando um fazer pedagógico que valorize a participação da criança na busca de conhecimentos, repensando os processos pedagógicos e buscando oferecer um desenvolvimento de experiências ricas que contemplem as múltiplas linguagens infantis a fim de promover a interação e a partilha no processo de aprendizagem e na obtenção dos resultados, substituindo assim as práticas repetitivas, altamente direcionadas e coletivas (BRASIL, 2009, 2018).

A construção das Caixas Temáticas foi uma experiência que buscou colocar a participação das crianças como princípio fundamental da ação educativa. Nesse processo de pesquisa, a escuta das crianças possibilitou rever-se o papel de adulto na relação com elas. Ouvi-las, durante a pesquisa, foi altamente desafiador, pois aquilo que, na condição de professora e pesquisadora, havia-se pensado e

planejado de antemão, muitas vezes, não coincidia com os desejos e os encaminhamentos dados pelas crianças em suas brincadeiras.

Ao criar condições para participação das crianças, percebeu-se que, para elas, a experiência foi ainda mais significativa, pois a cada passo da pesquisa demonstravam-se mais confiantes e expressivas, falavam sobre temas variados, interagiam com a pesquisadora e com os outros colegas. A cada momento, notava-se que as contribuições das crianças tornavam o processo de pesquisa mais enriquecedor e suas ideias e atitudes cada vez mais contemplavam melhorias nas práticas pedagógicas que, de acordo com a BNCC, garantem à criança o direito de:

Participar ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando (BRASIL, 2018, p. 36).

Com relação à participação das crianças nas tomadas de decisões no âmbito escolar, Medel (2012, p. 13) salienta:

É muito importante que o ambiente e sua organização tenham significado para as crianças e tenham relação com suas necessidades e interesses. Por essa razão, é fundamental torná-los participantes das decisões que serão tomadas a respeito, e explicar o sentido de cada uma delas.

Durante as brincadeiras, era comum que ocorressem algumas disputas por brinquedos e por espaço, contudo, normalmente, elas mesmas resolviam o embaraço, trocavam os brinquedos e até de parceiros para brincar. Também, viram-se interações de acolhimento quando recebiam outras crianças em seus jogos e de solidariedade quando compartilhavam e emprestavam brinquedos aos seus colegas de outras turmas. Oliveira (2011) afirma que é fundamental as propostas pedagógicas contemplarem a interação em todas as situações possíveis e que se usufrua dos espaços como agente mobilizador e facilitador de experiências e interações.

Ainda, é importante pontuar-se que a organização dos espaços com as Caixas Temáticas possibilitou uma descentralização do papel como professora no processo de tomada de decisão acerca dos espaços e das brincadeiras.

[...] de detentor e centralizador de todas as ações, o educador passa a uma atuação descentralizada, em que a organização de contextos estruturantes para o desenvolvimento de experiências ricas que contemplem as mais diferentes linguagens infantis assume o lugar de práticas repetitivas, diretivas e sistematicamente coletivas (HORN, 2017, p. 27).

Isso permitiu que as crianças tivessem uma participação significativa nas tomadas de decisões e vivência de experiências significativas. A experiência realizada com a elaboração das Caixas Temáticas para a organização dos espaços promoveu melhor interação entre elas e possibilitou uma ampliação significativa nos cenários de aprendizagens dentro dos espaços da escola.

A estratégia oportunizou a organização, nos diversos espaços, de “cantinhos”, “[...] que permitem a cada criança interagir com pequenos números de companheiros, possibilitando melhor coordenação de suas ações e a criação de um enredo comum na brincadeira [...]” (OLIVEIRA, 2011, p. 199). E, dessa forma, proporcionou diferentes situações de aprendizagem, utilizando diversos tipos de linguagens em um mesmo ambiente, viabilizando mais possibilidades de escolha e estimulando a autonomia das crianças.

Considerações finais

Esta pesquisa qualitativa, envolvendo a participação de crianças, objetivou organizar Caixas Temáticas para potencializar a criação de espaços itinerantes de interações e brincadeiras para/com as crianças de 3 anos de idade. Por meio dela, possibilitou-se confirmar a relevância que a organização dos espaços destinados à educação infantil desempenha nas práticas pedagógicas e no cotidiano das crianças, assim como reafirmar a importância do brincar na educação infantil para a vivência de experiências significativas e produção de conhecimentos na infância, como se destacam nas DCNEI (BRASIL, 2009).

Organizar Caixas Temáticas para potencializar a criação de espaços itinerantes de interações e de brincadeiras para/com as crianças de 3 anos de idade que frequentam a turma de Maternal II, de uma escola pública de educação infantil, localizada no oeste de Santa Catarina, mostrou-se uma experiência instigadora. Inicialmente, foi exigido um estudo mais aprofundado sobre o brincar e sobre a organização dos espaços na educação infantil. Somou-se, a isso, o desafio de realizar pesquisa com crianças e aprender não só a escutá-las, mas a considerar seus pontos de vista no planejamento e na organização das Caixas. Fez-se fundamental desenvolver a capacidade de observar “como” as crianças brincam, “de que brincam” e, principalmente, “em quais espaços” mais gostam de ficar e “como se comunicam e interagem” umas com as outras durante as brincadeiras. Também, necessitou-se soltar as amarras da ideia linear de explorar uma caixa de cada vez para dar vazão ao desejo de as crianças explorarem diversas caixas ao mesmo tempo, vivendo, assim, experiências interdisciplinares.

Outro fator importante na organização dos espaços relaciona-se à integração da criança nesse espaço, pois, muito além da interação das crianças entre elas e delas com adultos, está também a interação da criança com o mundo externo, sem perder de vista as suas particularidades e os interesses coletivos.

O processo de construção do conhecimento no contexto da educação infantil se dá a partir de interações e brincadeiras, sendo que, para isso, as crianças se valem das múltiplas linguagens a fim de expressarem suas curiosidades, hipóteses e modos de compreenderem o mundo e de serem crianças no século XXI.

Por meio desta pesquisa-ação, percebeu-se que as crianças exercem seu direito de brincar nas mais diversas situações, sendo necessário que as instituições de educação infantil ofereçam uma diversidade de experiências ricas a fim de propiciar condições para ampliação dos conhecimentos dessas crianças de modo a inseri-las no mundo de forma curiosa, prazerosa e harmoniosa.

A organização dos espaços, por intermédio de cantos temáticos, destaca-se como proposta curricular válida que tem o intuito de promover aprendizagens interdisciplinares que vão ao encontro das peculiaridades das crianças, suas características, suas formas de pensar e de entender o mundo ao seu redor. Portanto, é fundamental que o professor propicie condições para elas participarem da criação de espaços que suscitem a vivência de novas experiências, de novas brincadeiras. Ao adulto, não cabe decidir sobre os espaços de brincadeiras, mas mediar a organização deles, priorizando a escuta e a participação das crianças e suas famílias.

Este estudo não tem a pretensão de orientar práticas pedagógicas em outros espaços e para outras crianças, mas de inspirar outros professores a observarem, escutarem e criarem condições possíveis para participação das crianças nos espaços de brincadeiras, de interações e de aprendizagens na educação infantil.

Referências

BARBOSA, M.C.S. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100 (Especial), p. 1059-1083, out. 2007.

BARBOSA, M.C.S. **Por amor e por força**: rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Lei nº. 8.069. Brasília, DF: Senado Federal, 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>. Acesso em: 05 de novembro de 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF: MEC/CNE, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 2 ago. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Projeto de fortalecimento institucional das secretarias municipais de educação na formulação e implementação da política municipal de educação infantil. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 5, de 17 de**

Olhar de professor, Ponta Grossa, v. 25, p. 1-17, e-17159.007, 2022.
Disponível em <<https://revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>>

dezembro de 2009. Brasília, DF: MEC/SEB, 2013. Disponível em: http://paralapraca.org.br/wp-content/uploads/projeto_de_fortalecimento_institucional_das_secretarias_municipais_de_educacao_na_formulacao_e_implementacao_da_politica_municipal_de_educacao_infantil-30_01_2015.pdf. Acesso em: 20 ago. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Brasília, DF: MEC/CNE, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 2 ago. 2019.

CORSARO, Willian A. Sociologia da infância. Porto Alegre: Artmed; 2011.

HORN, M. G. S. **Brincar e interagir nos espaços da escola infantil.** Porto Alegre: Penso, 2017.

HORN, M. G. S. **Sabores, cores, sons, aromas:** a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MARQUES, C. M.; FERNANDES, S. B.; SILVA, E. T. O brincar nos discursos de estudantes de Pedagogia: certezas em suspenso. Campinas/SP: Pro- posições, v. 30, 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1980-6248-2016-0136>.

MARQUES, C. M. Caixas de brincadeiras. **Revista Pátio-Educação Infantil**, Porto Alegre a. 5, n. 13, p. 32-33, mar./jun. 2007.

MEDEL, C. R. M. A. **Educação infantil:** da construção do ambiente às práticas pedagógicas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

OLIVEIRA, Z. M. R. **Educação infantil:** fundamentos e métodos. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SOARES, N. F. A investigação participativa no grupo social da infância. **Currículo sem Fronteiras**, v. 6, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2006.

Recebido em: 27 de novembro de 2020.

Versão corrigida recebida em: 09 de março de 2021.

Aceito em: 09 de março de 2021.

Publicado online em: 11 de fevereiro de 2022.

